

# ★ TRÊS PEÇAS NÔ

Carmen Ollé

Tradução: Hugo Villavicenzio

*Diferentemente do dia, a noite é livre.*

Yukio Mishima. Seis peças Nô.

## Hilária

### Personagens

#### Hilária

*Foi uma camponesa da cidade de Cuzco.*

#### Homem

*Vivo foi um filósofo, agora é um vagabundo.*

#### A visão

*Espectro com aparência de Jesus Cristo.*

### Cenário

*Jardim no centro de Lima, enfeitado com vários chafarizes de água.*

*A ação acontece num canto do Parque das Águas, ao entardecer, numa colina artificial.*

**Hilária** Este lugar lembra o mirador das três cruzes, falavam que lá dava pra ver três sóis, apesar de nunca ter visto mais do que um, o sol de sempre. Daqui posso vigiar o que fazem as minhas filhas, embora não consiga fazer nada por elas.

**Homem** Você sempre foi tão incrédula assim?

**Hilária** Acabei ficando, desde que ele me bateu com aquele troço duro. O pessoal achou que fosse a culatra dum rifle, mas eu acho que foi uma pá.

**Homem** Está vendo aqueles chafarizes de água borbulhante? Antigamente, quando eu era jovem e vagabundeava por aqui, este lugar era frequentado só por apaixonados, por vagais, por um ou outro estudante de medicina e por bêbados que recitavam poemas ao luar..

**Hilária** Minha mãe sabia cantar em quéchua... Não consigo olhar para aqueles chafarizes sem ficar assustada, às vezes tenho a impressão de que a força d'água que jorra das bicas vai levar minha vida.

**Homem** É engraçado o jeito de você falar..

**Hilária** Por quê?

**Homem** Por nada, não. É melhor nem saber. Me fala como foi que acertaram você? Conta pra mim que é pra não esquecer.

**Hilária** Mamãe tinha me mandado pastorear as ovelhas, eram as últimas que tinham ficado com a gente porque o frio tinha acabado com as outras coitadinhas, o frio tinha mata-

do Retamita,<sup>1</sup> minha favorita, ela era cria da ovelha mais velha. Eu ainda estava chorando quando o vi, ele estava parado debaixo de uma árvore, achei que o cara estivesse morto, fedia a aguardente, como fedem todos os adultos nas festas de Santiago em Lamay.<sup>2</sup> Eu estava prestes a sair correndo quando ele, muito esperto, me segurou prendendo-me pelo pé.

**Homem** Então, foi desse jeito que ele te seduziu?

**Hilária** Escuta, Hilária, você já está morta. Foi o que minha mãe falou um dia se eu fosse casar com o Hermes. Você já está morta. Isso é o que estou sentindo, minha filha, aqui dentro, no meu peito. Minha mãe tinha muita raiva dele.

**Homem** E estava coberta de razão, também.

*Hilária usa as mãos como uma corneta e “toca” uma melodia.*

**Hilária** Nas festas do povoado, eu adorava tocar corneta na fanfarra. Hiláriaaaa! Hiláriaaa! Era desse jeito que me chamavam pra ir às festas. Lá todo mundo dançava, menos o Hermes que só ficava enchendo a cara. Hiláriaaa! Como? A minha mãe está me procurando para contar a verdade às minhas filhinhas, elas não sabem que morri. Mamãe prefere mentir, tem medo do Hermes.

**Homem** Impunidade é tema eterno. Olha lá, as pessoas estão chegando. Rápido, vamos ficar detrás desse mato!

**Hilária** Eles não conseguem nos ver. Por que temos que nos esconder?

**Homem** Porque eles podem sentir presenças esquisitas, o peso das nossas almas.

*Os passeantes conversam sobre frivolidades.*

**Hilária** Do que está falando esse pessoal?

**Homem** (*sorrindo*) Não dá para entender, mesmo? Falam do cuco das bailarinas que aparecem na televisão. Cuco é mais importante do que coco, você sabia?

**Hilária** O que é isso?

**Homem** Eu também não sei, deve ser uma entelêquia. (*solta uma gargalhada, Hilária olha-o surpreendida*)

**Hilária** Você me faz lembrar do prefeito da minha cidade, às vezes, ele também misturava espanhol com quéchua e acabava falando cada palavra esquisita!

**Homem** Hilária, cuco é bunda, acho que tem a ver com relógio de cuco, aquele que marca as horas. Cuco-cuco, cuco-cuco! (*pula imitando o passarinho do relógio de cuco*)

**Hilária** Lá em Lamay, o prefeito gostava de pegar no cuco das garotas.

**Homem** Esses rapazes também gostam de fazer isso, dá pra ouvir? Presta atenção. Falam das pernas e dos quadris das garotas, parece que as estão tocando pelas caretas que fazem.

**Hilária** Que nojo, aquele barbudo está mexendo nas partes.

**Homem** (*olhando para os lados*) Se pudesse o pegava pelo pescoço e jogava no chafariz, que é para ver se apaga esse fogo!

**Hilária** (*num tom ausente*) Logo que morri, o Hermes tirou a Noemi da minha mãe, levou a menina pra trocá-la por roupa, precisava de roupa nova para mandar-se com a outra. O Hermes foi sustentar os filhos da outra mulher. Foi-se embora pra longe. Ameaçou minha mãe com tacar fogo na casa, meu pai estava velho e doente. Pouco tempo depois, morreu.

**Homem** Anda, dá corda à sua memória, apesar de que já não pode ser chamada assim, mas...

1 Retama: Arbusto da família das Leguminosas Papilionoídea, tem aproximadamente um metro de altura, com muitos galhos finos, compridos e flexíveis, de cor verde acinzentada, folhas pequenas e muito escassas, flores amarelas e fruto com uma semente enegrecida. Giesta em português.

2 Lamay é um dos oito distritos da província de Calca, em Cuzco, Peru.

**Hilária** Ele deixou a caçula com a avó pra lhe fazer companhia. A Noemi berrava e chutava, essa menina sempre foi inteligente, percebi desde seu nascimento, desde que mamava nos meus peitos. Ela tinha sete anos e foi trocada por roupa com uns artesãos de Lamay.

**Homem** A memória pode ser chamada de arquivo, não, de livro aberto, ou melhor, baú, arca, tonel, como os das caves. Ah...

**Hilária** A Noemi fugiu, vagou sozinha pela serra, depois os artesãos a trouxeram de volta. A minha mãe deu de presente umas peles de ovelha pelo bom coração dos artesãos. Então, a menina foi entregue pra meu meio irmão, que era filho só do meu pai. Ele a levou pra longe, a trouxe pra Lima.

**Homem** Nas caves, como falam alguns, mas que para mim são tabernas, passei minha vida inteira. Foi com estas mãos, que também acariciaram belos (*falando baixo*) cucos, que deixei meu destino encharcado em todo tipo de versos, nas paredes, nos guardanapos, Ah, por que não rabisquei também na bunda da Diamantina?

*Os rapazes começam a cantar como se estivessem bêbados, a letra das canções é sentimental, fala de amores traídos e amigos desleais.*

**Hilária** A Noemi estudou na escola e conseguiu se virar com o espanhol, já a Maria, que ficou com a avó, só fala quéchua. Maria é bonita, alta e muito doce. Noemi também é bonita, porém baixinha.

**Homem** (*num tom de voz cada vez mais íntimo*) A Diamantina tinha uma tatuagem no ventre. Você já não lembra mais, seu besta, seu idiota?

*Escuta-se a letra da canção brega: "Mozo sírvame otra copa".<sup>4</sup>*

**Hilária** A avó falava pra minhas duas filhas que eu tinha morrido de dor de dente. Não sei se

a gente morre disso, mas quando os dentes doem, doem mesmo. Acontece que depois do golpe do Hermes, eu não senti mais nada, fiquei entorpecida, como quando ficava dormida no pasto acariciando Retamita.

**Homem** (*em voz baixa*) Dá o fora, sai Medusa da memória! Fui apenas um descaminho na vida de Diamantina.

**Hilária** Porém, não foi por causa do dente estragado que, aliás, tinha me machucado um bocado, já que nunca fui ao dentista mesmo, eu não sei o que é escancarar a boca para tratar de um dente. Além do mais, todos os meus dentes foram caindo por causa dos socos do pai das minhas filhas quando ele chegava bêbado e eu não queria satisfazê-lo.

**Homem** Aquela mulher tinha esse nome não porque valesse um diamante. E olha que ela valia por vários, hein? Era por ser diáfana, por ser mais transparente do que as águas dessas fontes artificiais.

**Hilária** Os rapazes já foram embora, agora podemos sair. Não tem ninguém mais, parece que vão fechar o parque. O que está acontecendo com você? Está esquisito. Por que enfiou esse saco plástico na cabeça?

**Homem** Lá está ele! Hilária? Você foi embora? Por que se esconde, menina? Ele aparece só pra me contrariar, diz que é Cristo. Hilária, você reparou nas sandálias dele? São de ouro. Para com isso, vai embora, me deixa em paz. Hiláriaaaa! O espectro vai nos obrigar a passar por aquele túnel, é o túnel dos condenados. Corre menina, foge. Aquelas sandálias de ouro, ah, se o brilho falasse.

**Hilária** Estou aqui, bem atrás de você.

*Hilária puxa o saco plástico da cabeça do Homem, ele agradece.*

4 "Garçom sirva-me outro copo".

**Homem** O evangelista falou pra mim que o brilho de ouro nos pés dele representa um pedaço do inferno.

*Hilária ri.*

**Homem** Puxa vida, menina, você não tem dentes mesmo.

*Hilária cobre a boca, mas continua falando, usa a mão como silenciador.*

**Hilária** Mas, eu vi os pés dele, não tinha nenhuma sandália dourada. Ele estava descalço, os pés eram grandes, rapados e toscos como os dos camponeses de Lamay. Eram desse jeito.

*Hilária recolhe o saco plástico do chão e tenta enfiar na cabeça, mas o Homem a impede.*

**Homem** Não, de jeito nenhum, nesse saco só entra a minha cabeça.

**Hilária** Mas, o que está acontecendo com você? Está muito pálido. Não faça isso de novo.

**Homem** Fazer o quê?

**Hilária** Não volte a lembrar dessa mulher. Como era o nome dela, Diamante?

**Homem** A Diamantina era o próprio demônio, pode crer. Ela pintava divinamente, desenhava cenas eróticas direto na pele dos seus amantes.

*Mostra a barriga.*

**Homem** É uma pena, aqui tinha um desenho dela, mas só dava para ver quando eu estava vivo. Quando a gente perde o sopro vital, os desenhos escapam como quando a chuva para. Mas, alguma coisa ficou ainda.

*Hilária agacha-se para olhar melhor.*

**Hilária** Olha... Aqui tem um pé pequenino, é um pedacinho de pé, parece de criança...

**Homem** (*rindo*) Até que ficou alguma coisa, você viu? Esse era o pé da minha Diamantina me fazendo cócegas no... Cof, cof! Ainda bem que o resto do desenho apagou, não quero que você ache que eu sou um tarado.

*Ele pensa em cenas de antigos quadros eróticos japoneses e continua falando.*

**Homem** Essas eram umas cambalhotas bem extravagantes mesmo. Rá, rá, rá, rá!

**Hilária** Shhh! Não faz barulho, está acontecendo alguma coisa por aqueles lados. (*aponta para longe com o dedo indicador*)

**Homem** Está falando dos tetos? O que tem de esquisito? O tetos dos bairros populares de Lima ou dos emergentes como se fala agora, são todos parecidos. A maioria do pessoal constrói casas de pau a pique ou de tijolos, mas sem telhado; eles colocam umas chapas de zinco e pronto, moram sob o acachapante calor no verão e na umidade que rói os ossos no inverno. A umidade do inverno limenho é bem esquisita, o turista acha que lá não faz frio, mas se ficasse pelo menos um par de anos, ele iria perceber que seus ossos, seus brônquios, suas articulações... Que tudo ficou pela hora da morte.

**Hilária** O teto da casa do meu tio Emiliano, que em realidade é meio irmão da minha mãe, esse sim era de concreto, ele construiu uns cubículos de madeira e papelão para alugar, a Noemi, minha filhinha, dormiu num deles desde criança. Ela ficava lá, trancada e quando ficava de castigo, ela perdia o almoço, meu tio não a deixava ir à escola. E tudo isso só porque o tio queria, ele o tio sinistro que tirou a minha filha da casa da minha mãe. Um dia pegou de mau jeito a mascote dela, de apenas dois meses, e a estrangulou na frente da menina de oito anos, isso segundo ele, porque a cadelinha sujava tudo, mijava e fazia cocô em tudo que era canto. (*Noemi abre a porta de compensado do seu quarto e sai no terraço para lavar-se. É uma casa rústica, sem acabamento, como a maioria das casas dos bairros populares da cidade*) Ela perdeu a hora de ir à escola, ficou fazendo compras para sua tia na feira, preparou o café da manhã para o tio e os primos, três meninos entre 10 e 16

anos, muito tímidos eles, diferentes do velho pai que é rude e vulgar. A tia devia continuar no mercado, na sua banca de frutas, ela acordava muito cedo e sempre pedia para Noemi tomar conta dos meninos.

Noemi está de sutiã e de saia do uniforme escolar. Por ser novembro, já faz um pouco de calor. Mas, na torneira a água ainda está fria, só no verão a água ficará morna. Como é gostosa a água morna, ela pensa, deve ser uma delícia tomar banho de banheira com água morna. A piscina do complexo esportivo que ela viu no inverno tinha água temperada. Ela abaixa as tiras do sutiã para ensaboar as axilas e os braços, depois enxuga bem porque não usa desodorante. Também com que grana, se a tia não tem dinheiro, e mesmo tendo, a tia não lhe paga pelas compras nem pelo café da manhã que ela prepara. Muitas vezes nem consegue tomar o café da manhã, queixa-se em silêncio. Ainda que nesse caso, quando chega à escola, a sua imaginação voa a mil por hora, chega a sonhar, mesmo que seja com um pacote de bolacha de água e sal. Felizmente, nunca falta uma colega preguiçosa que suplica para você fazer a tarefa dela e paga com uma laranja ou um pedaço de bolo. Mesmo depois das aulas, na casa da colega de turma, com um pouco de sorte você consegue ganhar um bom almoço, se a mãe da colega estiver em casa e não formão de vaca, claro.

Examina seu rosto num espelho, tomara que não tenha aparecido aquela pereba do mês, pois já está na hora da regra... Escuta um barulho detrás dela, é o vento agitando a roupa pendurada, varrendo as garrafas de plástico vazias que sua tia guarda para revendê-las no mercado. Se ainda vivesse Motita, sua cadelinha, não se sentiria tão só, ela teria hoje seis anos, era uma cachorrinha linda, uma verdadeira nuvenzinha, branca como a neve que falam que cobre as montanhas da serra, mas que para falar verdade, eu nunca consigo lembrar.

Novamente sente o barulho, pega o espelho e o posiciona na direção de onde parece vir o som.

– Tio? O que está acontecendo? Você quer alguma coisa?

O peso do homem grudado ao corrimão de madeira da escada ao ganhar um dos degraus delata sua presença. Emiliano não responde, desce apressadamente. Ele é encorpado, grande, tem uma barriga proeminente que cresce dia a dia. O cabelo preto e ondulado cobre seu rosto avermelhado como se fosse uma peruca. Ele passa a impressão de ter brigado com alguém recentemente porque apresenta olheiras profundas. Sua expressão, seu olhar, aqueles olhos cavernosos, provocam medo em Noemi. Medo e repulsa. A despeito de ser seu tio, de ser o irmão da sua mãe.

– Tia, tia! Grita Noemi, debruçando-se no balcão com a esperança de ver alguém passar no térreo da casa, mas ninguém responde. Emiliano ergue a cabeça e levanta o punho partindo em direção dela. Noemi foge escondendo-se no seu quarto.

**Hilária** Essa é a minha filha mais velha, Noemi, ela fez o colegial, é inteligente. Agora acabou a escola e graças a Deus, ela não mora mais com os tios.

**Homem** Ainda bem. Quando foi que aconteceu aquilo?

**Hilária** Faz alguns anos.

**Homem** E só ficou sabendo agora?

**Hilária** Eu já sabia, mas consigo ver de novo a cada certo tempo, quando fico triste e apreensiva pela minha Noemi. A caçula, a Maria, também me deixa muito angustiada... Ela foi violentada pelo patrão. Uma psicóloga cuida dela, mas a Maria não entende nada do que lhe falam. Às vezes ela leva uma bronca, mas eu já falei pra psicóloga, minha filha caçula só entende quéchua. O que pode falar aquela doutora para que minha filha compreenda? Mas, escu-

te aqui, o que está acontecendo? Por que está fazendo de novo?

*O vagabundo voltou a enfiar o saco plástico na cabeça.*

**Homem** Você novamente por aqui? Aquela garota estava certa, não tem sandália de ouro que segundo a cabeleireira evangélica você usa quando aparece pra os incrédulos. Eu não sou discípulo de vossa senhoria e vejo que seus pés são realmente toscos, que tem calos, joanetes e que são verdadeiramente horrendos. Percebe-se que caminha muito à procura de fiéis ou mesmo pra converter os descrentes.

**A Visão** Se você não consegue enxergar minhas sandálias de ouro e só percebe estes pés de camponês morto de fadiga e de fome é porque ainda não tem olhos para ver.

**Homem** Sou vagabundo, mas não sou bobo. Só os dogmáticos falam como você, aqueles que não têm ideias nem argumentos. Rá, rá, rá, rá...

**A Visão** E agora, por que está rindo?

**Homem** Acabei de me lembrar dos Budas gigantes que foram dinamitados no final do século passado pelos integrantes de uma seita dogmática.

**A Visão** Por que você ficou tão comovido assim? Aquilo aconteceu do outro lado do planeta.

**Homem** Porque amo a arte acima de todas as coisas...

*A Visão ri às gargalhadas, acordando Hilária, que caminha como se estivesse hipnotizada ou fascinada olhando alguma coisa ao longe.*

**Hilária** Ô moço, seu moço, tira essa sacola da cabeça, você vai morrer sufocado. (*o Homem ri da ingenuidade de Hilária*)

**A Visão** Você está percebendo, seu incrédulo? O amor pela arte não comove esta simples mulher, ela está preocupada com outras coisas, ela fica lembrando como foi que o vendedor de frangos violentou sua filha.

**Homem** Que era um idiota completo.

**A Visão** Sem dúvida nenhuma, mas da arte para ela, ô bulhufas. Espera, tenho algo para você. (*entrega-lhe umas fivelas*) São de ouro mesmo, você vai colocá-las nas minhas sandálias oportunamente, quando tiver reencontrado sua fé.

**Homem** Nunca, jamais! (*grita tentando livrar-se do saco plástico, mas A Visão o impede*)

**Hilária** Porém, não é bem a minha filhinha Maria quem está correndo perigo agora, escute aqui, já está na hora de tirar esse saco da cabeça, vamos, me ajude a olhar o que está acontecendo lá embaixo.

*O vagabundo continua brigando com a Visão, ele tenta retirar o saco da sua cabeça. Finalmente consegue, joga o saco no chão e pula sobre ele. A Visão desaparece. Depois o vagabundo fica dormindo serenamente, aparenta estar sob o efeito de drogas.*

**Hilária** Olha lá embaixo. Está me ouvindo? Onde você se enfiou que não consigo enxergá-lo? (*o saco plástico parece flutuar no ar*) Para onde você fugiu? Você é um aproveitador, só quer que eu fique ouvindo você falar da Diamantina, não é?

*Os galhos das árvores balançam com o vento impulsionando o saco plástico de um lugar para outro. Parece que vai estourar uma tormenta, uma ventania, porém nessa capital não existem tormentas, apenas vento e pó.*

**Hilária** O que é isso que estou vendo? Você não faz ideia do que está acontecendo lá embaixo, aquela garota parece uma velhota desbocada. A mãe, que a esteve seguindo, a viu entrar no barraco do rapaz, ele deve ter uns vinte anos de idade. Você está me ouvindo? Está ouvindo? A garota se enfiou na cama do rapaz que parece dormir o sonho dos bêbados.

*O vagabundo se espreguiça e acorda.*

**Homem** Maldita visagem descalça, deixou minha alma contrafeita, meu peso anímico ficou reduzido ao de um caranguejo ressuscitado, é desse jeito que me sinto. Mas, o que diabo

está acontecendo no interior desse barraco? *(faz sombra com a mão)* Certamente, aquela que vemos lá embaixo tem o corpo de criança, mas fala como gente grande, dá a impressão de estar drogada, isso só confirma que o rapaz entrou numa enrascada. Porém, o que isso tem a ver com você, Hilária?

**Hilária** Até que enfim, achei que não voltaria a vê-lo mais... *(vira e estica a mão para tocá-lo. O vagabundo pula, acha que a mulher sem dentes não pode tocá-lo porque isso fará acontecer coisas piores do que as provocadas pela aparição do espectro das sandálias)*

**Hilária** O rapaz é o namorado da minha filha Maria, a garota o denunciou por tê-la violentado, mas o rapaz não fez nada, como você viu. Ela ficou grávida de outro cara, porém, bota a culpa no namorado da minha filha.

**Homem** Oh, não! É melhor não olhar, Hilária. Tem dois sujeitos armados de paus que acabam de entrar no barraco do pobre rapaz. Oh, ai, coitado, coitado, isso não dá nem pra contar. Não olha, Hilária.

**Hilária** Tem sangue? Fala se tem sangue por tudo quanto é lado. Quando minha Retamita foi morta, tinha sangue espalhado por todo o curral. Falaram que ela estava encantada, por isso meu pai a sacrificou. Tem sangue?

**Homem** Mmm... Esse pessoal sabe o que está fazendo, não deixam marcas, não.

*Hilária retira a mão que cobria os olhos e faz sombra para ver melhor.*

**Hilária** São o pai e o tio da endemoniada, da garota de doze anos que fala como um mulherão.

**Homem** Mulherão? Ninguém fala desse jeito, pelo amor de Deus, mulherão, mulherão. Ah, minha Diamantina era muito mais do que um mulherão, se eu contasse pra você... É uma pena que a leveza do meu ser agora não permita...

**Hilária** Não permita o quê? Do que você está falando?

**Homem** Não sentimos mais nada, nosso peso ficou tão leve que é impossível ficar excitado. *(fala baixinho essa palavra para Hilária não entender. Depois, para ele mesmo.)* Quem consegue excitar-se está vivo, vivinho da Silva, como a gente falava na outra... Mmm! É aquela sensação de estar jogando faíscas feito uma fogueira, um verdadeiro incêndio. Bom, agora assim é demais. Com quem estou falando, hein? *(fala olhando para Hilária, que está apoiada no muro do parque observando a cena sangrenta)*

**Hilária** Parece que o rapaz apanhou feio mesmo, olha aqueles caras fugindo, os que carregam os paus, correm que é uma beleza aqueles covardes. E aquilo atrás, o que é? Ajuda-me a ver direito, aquela garota, não é? Não é minha filhinha Maria que vai atrás deles? Caralho, é ela mesma. Isso eu não tinha percebido, quer dizer que a minha Maria... Onde estava a minha filhinha?

**Homem** Estava atrás da cortina. Não deu para ver? Rebobina a fita, Hilária, pode rebobinar a vontade. *(o Homem também se apoia no muro)*

**Hilária** Isso quer dizer que a minha Maria...

**Homem** Esqueça. Isso não quer dizer nada. Temos que perdoar tudo dos filhos, não faça julgamentos apressados na atual situação. Para quê? Você já morreu atormentada, não pode ser pior. *(observa Hilária minuciosamente, como se estivesse procurando algo nela)* Não, esta mulher aqui é uma espiga de trigo, seu peso anímico é tão leve que a fina linha que a desenha dissolve-se dando a impressão de que ela vai sumir. Mas devia ter algum jeito de atrair os homens, como a minha Diamantina. Oh, aquela sim era uma mulher de carne e osso. Isso mesmo, de carne e osso, algo do qual nem eu nem você podemos nos gabar agora Hilária. *(cai na grama às gargalhadas)*

**Hilária** O que está acontecendo com você?

**Homem** Nada, nada demais. Não dá pra perceber que estou morrendo de rir? *(ele continua)*

rindo.) E agora, por que você está me olhando desse jeito? Fiz alguma coisa que de você não gostou?

**Hilária** Enquanto todo esse pessoal passeava pelo parque, você dormia...

**Homem** Eu dormia? Isso é muito engraçado. Quem é que consegue dormir depois de ter sido esvaziado de si mesmo?

**Hilária** Não, de verdade, de verdade verdadeira. Era desse jeito que eu falava com meu pai quando era criança e ele me batia por não ter cuidado das ovelhinhas e eu continuava falando que elas tinham escapado.

**Homem** Mas, não era de verdade, de verdade verdadeira.

**Hilária** Não era de verdade, claro que não era. O pessoal ficou passeando pelo parque durante muito tempo, alguns se enfiavam no mato e os guardas os perseguiam com seus cassetetes para tirá-los de lá. Tinha homens com mulheres, homens com homens, uma garota perseguiu outra maior e mais velha, elas correram até o mato, estavam um pouco assustadas. Você não estava acordado... Pensei muito em você... Por que você não casou nem teve filhos?

**Homem** Ai, ai, ai! Você tinha que pensar nisso? Por quê? Para quê? Que bicho mordeu você, menina? Não, nunca casei nem tive filhos, de verdade, de verdade verdadeira.

**Hilária** Mas, não pensa em casar e ter filhos?

**Homem** Mmm. Vejamos, como posso explicar? A vida é como se fosse um... Não, não é isso. O que estou falando? A vida é um longo caminho que vai desde aqui, onde a gente está até aquele chafariz lá longe. Consegue enxergar? Muito bem, se continuarmos por esse caminho talvez a gente consiga chegar inteiro no chafariz, ou então a gente pode ficar esgotado no meio do caminho.

**Hilária** Foi desse jeito então. Quer dizer que você não conseguiu chegar ao chafariz. Por que você não casa agora?

**Homem** Se não casei com a Diamantina, não vou casar com mais ninguém. Não sei por que fico explicando isso para você. Por mais que tento esclarecer parece que você continua dormindo a sesta no meio do mato. Toma cuidado que lá vem o Hermes, o malvado.

**Hilária** Olha quem agora está sendo muito ruim é você, seu homem cruel. Por que ri de mim desse jeito? Foi o Hermes que me matou de tanto bater.

**Homem** Mulher, até que enfim chegamos ao assunto. Agora você está na outra margem do rio, não dá para fugir disso. O termo *kenosis* em grego significa esvaziamento, por exemplo, falam que Jesus Cristo se esvaziou a si mesmo para aceitar a vontade divina. Logo, eu e você estamos... Mas, desculpe, de repente voltou meu passado de filósofo, não liga para mim, não. Tá?

**Hilária** Então, quando Hermes me bateu com a pá, eu desencarnei.

**Homem** Muito bem, menina, você desapegou, está bom assim. Ah, meu bom e velho eu, agora nada me deixa excitado. (*pronuncia a última palavra baixo, muito baixinho*) Na verdade... (*tenta olhar seus pés, acaba abraçando a si mesmo*) Estou no nada, no nada. Outono amaldiçoado! Bom, e agora por que você está rindo de mim?

**Hilária** Quando você gritou lembrei-me da canção dos bêbados de Lamay. (*canta*) "*Maldito amor/Que me ha destrozado el corazón/Que me ha robado el aire y la respiración*".<sup>5</sup>

**Homem** Mmm... Escuta Hilária, em quem você estava pensando agora? Parece que você fosse chorar. (*para ele mesmo*) Embora você já não consiga chorar como antes. As lágrimas são

5 Maldito amor/Que tem destrozado meu coração/Que tem me roubado o ar e a respiração.

98,3% de água, acompanhada de 1,0% de sais minerais e 0,7% de proteínas e aminoácidos, além de alguns resíduos de hidrocarbonetos, lipídios e outros. Esses componentes, menina, já não existem em você nem em mim. Esse brilho nos seus olhos é apenas a resplandecência das luzes do parque. (*em voz alta*) Hilária, fala qual foi o maior amor da sua vida, menina. Não vai falar que foi o Hermes porque não vou acreditar.

**Hilária** Foi a Retamita, foi.

**Homem** Você não tem jeito mesmo garota, escuta aqui eu vou subir no galho daquela árvore. Se quer me ver amanhã de novo no fim da tarde, você tem que prometer que vai enfiar-se nesse monte de folhas antes de o sol ir embora, sem se mexer para nada. Nossos corpos não cheiram como os dos bichos, se a gente não se mexer ninguém vai perceber nada esquisito.

*Hilária caminha até um amontoado de folhas secas numa esquina afastada do parque e deita-se lá. O vagabundo pula até um galho bem alto da árvore na área escura do parque, fica pendurado nela como um tamanduá, e desaparece no cume frondoso.*

*Luz branca indireta num armário antigo de duas portas. Nas gavetas e compartimentos do armário surgem os personagens da infância de Hilária e também outros da sua curta vida adulta. Sobre o armário de madeira pintado de negro, está Retamita. No interior do armário, o irmão caçula de Hilária está pendurado por uma mão na barra das calças, na outra ele carrega um estilingue.*

**Irmão Mais Velho 1** (*quatorze anos de idade aproximadamente. Tem o rosto roxo pelo frio da puna.*) Hiláriaaaa! Achei meu estilingue que você perdeu quando foi pastorear com Retamita, está aqui ô, olha meu estilingue. Vou atirar no Hermes com ele, porque ontem vi que estava te agarrando e mamãe já falou que você não

deve se deixar bolinar por ninguém. (*ele desce do armário e joga uma pedra com seu atirador. Ruído de madeira quebrando*)

**Hilária** Lá foi a pedra, meu irmão, você sempre foi muito bom disso, mas também muito burro, quebrou o armário. Os donos, os sinchis<sup>6</sup> de Lamay, vão matar você.

**Irmão Mais Velho 2** (*em off*) Esses já foram mortos pelos revolucionários, você não lembra?

**Hilária** Onde você está? Por que fala assim, ô pastorzinho pelado?

**Irmão Mais Velho 2** (*tem treze anos*) Não fala desse jeito comigo. Eu não vou ser um pastorzinho pobre, não. Fui embora do povoado para fugir da pobreza, mas você já estava amaldiçoada, mãezinha falava, era por causa do Hermes. Hilária, isso aconteceu quando eu fui embora.

*O Irmão mais velho II aparece por entre ternos amarrotados e remendados que cheiram a naftalina e umidade.*

**Hilária** Por que você fugiu, irmãozinho? O que eu fiz pra você? O que fizeram contigo?

**Irmão Mais Velho 1** Não chora à toa mulher, ele foi embora seguindo os amigos. Andou demais pelo mato, tanto que algum bicho o mordeu e perdeu as vistas. Ele não consegue enxergar você.

*Escuta-se música de fanfarra andina. Na gaveta aberta dos lençóis, desfilam os cidadãos de Calca ao ritmo de melodias populares. No meio deles, as autoridades locais e suas esposas, a mãe, a avó e o pai de Hilária. Hermes e seu avô. Todos cumprimentam Hilária com uma reverência.*

**Mãe** Hiláriaaaa! Foge, foge!

**Hilária** É o Hermes que quer sair da roda, ele está com uma foice na mão.

**Mãe** Hiláriaaaa! Foge, foge!

*Hermes tenta sair da roda dos dançantes, Hilária recua protegendo-se das ameaças dele. Depois pula*

6 Sinchis, nome dado aos soldados do exército peruano especializados em luta antissubversiva.

*em direção ao guarda-roupa, arranca a foice do Hermes, fecha com violência as gavetas e as portas destruindo o móvel com o machado. Escutam-se gritos abafados.*

**Homem** Fico deprimido, deprimido, muito deprimido. Mas o que é isso? O que é? Ah! Achava que isso era impossível no meu estado atual. Será que é a lembrança da Diamantina me faz sentir assim? Será que evocar essa mulher serpente, não pelo veneno senão pela graça, vai conseguir me preencher de novo? Vou reenagnar? Vou renascer? De tanto ficar deprimido voltarei a ser o que era antes?

*O vagabundo leva nas mãos as fivelas que a espectro lhe entregara. Olha-as e joga no jardim. Hilária corre levando a foice numa mão e com a mão livre recolhe as fivelas. Depois volta.*

**Homem** O que você está fazendo com essa foice horrível na mão? Onde você pegou? Já sei, foi quando fiquei dormido. O que aconteceu? Conta pra mim.

**Hilária** Desta vez consegui matá-lo.

*O vagabundo a olha incrédulo, aproxima-se, tira a foice dela e joga fora. Hilária estremece as fivelas douradas no colo. Depois de um tempo coloca as fivelas no peito do pé pressionando para que o metal penetre na sua pele, finalmente as fivelas cintilam nos seus pés.*

**Hilária** Ele voltou e eu o matei, estava bem aqui, bem próximo, bati com a foice, escutei ele chorar, berrar que nem um porco quando é sacrificado naquelas festas onde se faz linguiça com sua carne.

**Homem** Você está falando de quem, criatura? Se você matou um ser vivo com essa foice, deveria ter sangue por tudo quanto é lado, mas não estou vendo nada disso, tudo está limpo.

**Hilária** Era o Hermes que estava lá dentro do guarda-roupa, era ele, veio junto com toda a turma do povoado, queria me bater, mas eu bati primeiro com o negócio.

**Homem** Mmmm ... Pelo visto, nós dois temos feito uma viagem ao passado, mas eu tenho voltado triste, muito triste e deprimido.

**Hilária** Você falou deprimido... O que, mesmo?

**Homem** *(o vagabundo tira uma fotografia do bolso)* Finalmente consegui, eu que nem você também trouxe algo do sonho, por falar de algum jeito. *(mostra-lhe a fotografia)*

**Hilária** Ela é uma mulher muito bonita.

**Homem** Certo, minha Diamantina é uma mulher muito bonita, mas isso é apenas uma fotografia. *(o Homem se enfia na fotografia, passa ao lado dela e desaparece)*

*Cantarolando, as águas movimentam-se ao ritmo de uma música melancólica. Por alguns momentos não enxergamos Hilária nem o Homem. Hilária vai atrás de uma moita, procura pela foice para conferir se tem rastros de sangue. A fotografia é levada pelo vento e desliza pela calçada afastando-se do cenário. Hilária volta.*

**Hilária** Não tinha sangue na foice, mas está acontecendo comigo algo muito esquisito. Já não ligo mais por não ter batido antes no besta do Hermes, se ele continua vivo não tenho mais nada com isso. Ele vai ter uma vida sofrida, sei que ele não tem dinheiro, que ficou mendigando comida pra minhas filhas. Uia! Estou sentindo algo muito esquisito e você... Você é o culpado.

**Homem** O que está acontecendo? Você está ficando pálida, na verdade não sei como pode ficar pálida nesse estado, quer dizer mais pálida ainda? O que está acontecendo com você?

**Hilária** A fotografia. *(mostra a fotografia que encontrou perto da foice)* Esta fotografia, você viu? Não percebeu nada?

**Homem** Do quê?

**Hilária** Que a garota apoiou a cabeça no seu ombro, porém antes você não estava com ela, agora ela o abraça e o beija... Ai, ai, ai, *papito*, estou sentindo algo esquisito aqui dentro! *(massageia o colo)*.

**Homem** Ciúmes? Estou achando que você está com ciúmes, Hilária. Não fique com ciúmes, mulher. É impossível amar alguém de outra dimensão. A garota da fotografia não é minha Diamantina, é a filha dela, tenho certeza, é muito parecida, mas não é ela. Isso me dá muita dor. Como é que eu posso amar uma garota que está viva e tem sangue nas veias?

*Hilária corre em direção à parte mais escura do parque levando a foice e a fotografia.*

**Homem** Hiláriaaaa! Traga a foice, vou cortar minhas veias, quero ver se sai alguma coisa delas. Hiláriaaaa! Volte mulher, eu suplico! Se não consigo amar essa menina, a filha de minha Diamantina, eu quero me suicidar.

**A Visão** (*oferecendo um saco plástico*) Não seja idiota, o céu inteiro vai rir de você.

## 2. Melancolia

O mar do vinho escuro

*Fico tão preguiçosa com o barulho doméstico.*

Pilar Dugh

### Personagens

#### Escritora

*Autora de um romance e três livros de contos. Não conseguiu atingir os cinquenta anos. Morreu há seis anos.*

#### Karen

*Poeta, 59 anos*

#### Elba

*Filósofa, 54 anos*

*vra inglesa tem uma conotação de filme de desenho animado, é mais cândida e naïf, menos romântica que o caso ou crepúsculo.*

**Karen** Em *O ano de Saeko*, de Kyoichi Katayama, o personagem principal interroga-se sobre o estado emocional de sua amante, antes desta morrer. O romance fala de maternidade, mas também de morte, é isso que me faz pensar que existe contradição em tudo. Tudo! Vai ver que a contradição é budista mesmo. Teria sido interessante fazer as mesmas perguntas para ela, já que nossa amiga escritora era fascinada pela literatura japonesa, apesar de ela não ter sido budista. Eis as perguntas de Katayama que eu faço minhas: Antes dela morrer... “Realmente não estaria seguindo alguma coisa? Uma espécie de caminho? Ela estaria disposta a dar

### Cenário

*Um café defronte ao mar na orla de Miraflores. Uma praça em Helsinki.*

*Fim de tarde na orla de Miraflores, a Escritora gostava dos fins de tarde. Os limenhos assim como ela também, preferem chamá-los de “sunset”. A pala-*

o primeiro passo sem que ninguém soubesse, sem que ninguém percebesse? Na direção de um espaço que está muito além da vida e da morte. Num lugar que não admite impurezas.” Por que Katayama emprega a palavra impurezas nesta reflexão? Por que impurezas? Talvez este drama Nô devesse... Talvez, dizem que talvez é uma palavra muito usada por nós mulheres. Talvez Katayama devesse encerrar o livro citando um poema de Izumi Shikibu, pondo os versos na boca de Saeko: “Logo deixarei este mundo. Gostaria de levar como lembrança para o além, uma última noite com você.” Considerando que nossa amiga escritora nunca foi nada explícita na questão erótica, acredito que a explicação do autor caberia como uma luva para este possível e lírico final que evoca uma época muito remota, o período Heian. O autor continua: “Mas, mudando a ordem estabelecida, onde as primeiras palavras ‘logo deixarei este mundo’ são as que prendem a nossa atenção, mudaremos a ordem da leitura, se começamos por ‘lembrança’ a expressão ‘para o além’ ficará em destaque. Assim podemos entender que essas palavras conectam este mundo com o outro, que ambos os mundos encontram-se conectados.” As primeiras palavras da Escritora ganham força nesse sentido.

**Escritora** Da mesma forma que estou olhando pelo vão desta janela, tenho certeza que continuarei me comunicando com vocês duas.

**Karen** Isso você falou antes de...

**Escritora** Morrer? Estou morta por acaso? Como é que consigo falar com você, então? Só com você, porque Elba não consegue me ouvir, nem eu a ela.

**Karen** Mas ela vê você, ela consegue ver e até cheirar seu medo.

**Escritora** De que medo você está falando, Karen querida? No meu caso, não existe medo. Pergunta: Por acaso estou morta?

**Karen** (*pensando: “Acaso, só uma, só uma letra e acaso vira acaso.”*) Você não sabe?

**Escritora** Não tenho como sabê-lo, só quando você diz que me ouve, mas que não consegue enxergar nos meus olhos outra coisa senão uma luz apagada. (*rindo*) Você sempre foi uma poetisa revoltante.

**Karen** Tudo bem, fala para Elba.

**Escritora** Onde está você, Elba? Vou ter que falar na linguagem do surdo-mudo. Não é verdade que a nossa amiga Karen sempre foi uma poetisa revoltante?

*Elba aparece em um barquinho de madeira no mar azul-celeste de papelão como nos cenários de Hollywood do começo do século XX.*

**Elba** Entendi, acho que você tem cinquenta por cento de razão, gosto da expressão poetisa revoltante; olha aqui como rebolam as ondas, dá para perceber o balanço. Mas não acredito que o termo se aplique a nossa amiga Karen, já que ela sempre escreveu com o coração na mão.

**Escritora** Isso é o que ninguém deveria fazer. É coisa que eu sempre recusei. Nada de autobiografia, nem de coração aberto.

*Durante toda a peça a Escritora lerá os lábios de Elba e às vezes empregará a linguagem de Libras.*

**Elba** Porém, você falou que estava escrevendo um romance baseado nas suas experiências.

**Escritora** (*cobrindo os olhos*) Elba, já que você só consegue me ver e não consegue me ouvir, talvez se eu não lhe enxergar você possa me ouvir. Minhas amigas, vocês acham que posso continuar escrevendo meu romance na outra margem do rio, na morada de Caronte? Ih, mas vou ter que pagar o óbolo pela passagem. (*rindo de repente*) De jeito nenhum! Vou ter que trabalhar para pagar o óbolo de Caronte?

**Elba** Você falava que era o tripalium.

**Karen** Primeiro preceito da fada sinestésica, se você cobrir os olhos, certamente escutará com eles.

**Elba** Essa fada saiu de onde?

**Karen** Do absinto, de *l'absynt* como falava Rimbaud.

**Escritora** A fada verde de losna. Tratando-se de você que gosta dos poetas malditos, isso é mais do que previsível.

**Karen** Você não gosta? Melhor dizendo, não gostava? Por falar nisso, você ainda não topou com algum deles?

**Elba** O que é isso, Karen? O humor negro está fora de moda, ou melhor, está em baixa.

**Escritora** A pequena Elba tem razão, nesta margem do rio é até *démodé*. Baudelaire não tem mais esse olhar sério e penetrante das fotografias de época. Seus olhos estão mais parecidos com os de sua indolente amante, são “belos relicários sem joias”. Aquela mulher que o deixou literalmente na rua, sem um tostão, era uma mestiça haitiana. Jeanne Duval era conhecida como a Vênus negra.

**Karen** Por que, por que, meu querido Hamlet?

**Elba** Que aconteceu, o que você viu? Será que foi o cadáver do seu pai?

**Karen** Você é bem, é bem... Por que será que os subalternos ou os provenientes de países subterrâneos, para nomear de algum jeito os pobres, têm tanto fascínio pelos bens materiais?

**Escritora** Por causa do asqueroso dinheiro, minhas queridas amigas.

**Elba** O que está acontecendo? Perdeu o glamour querida? Fala de um jeito...

*A Escritora fita Elba com o olhar destroçado pela melancolia, tal qual o verso de Baudelaire.*

**Escritora** Engraçado, é o glamour do morcego fantasma.

**Karen** Fantasmal...

**Escritora** Hum, hum! Morcego-fantasmal de asas transparentes e rosto humano. Nunca viram um?

**Elba** Esta conversa está parecendo com as que a gente tinha antigamente. Eram poetas maldi-

tos, vampiros humanos, glamour. (*tira um pedaço de brownie numa sacola de papel*)

*A Escritora cobre o nariz e faz gestos de afastar o demônio.*

**Escritora** O meu espírito não suporta um grama de peso. Inclusive, não posso nem olhar esse doce porque ele pode transubstanciar-se. (*ri*)

*Karen e Elba caminham na direção de um café próximo, com vista para o mar, para curtir o sunset. Sentam-se em uma mesa estratégica do terraço por sobre o barranco. O nevoeiro que sobe do mar encobre a encosta.*

**Karen** Este mar tem alguma coisa que estimula diretamente a minha imaginação, começo sofrendo como uma adolescente, o mar atravessa meus sonhos, quer dizer, me deixa melancólica.

**Elba** Toma cuidado com sua queda pelos piratas. (*ri*)

**Karen** Sabe de uma coisa? Tenho pensado que esta peça poderia chamar-se a janela, o vão da janela. É por meio dela que nossa amiga se comunica com a gente.

**Elba** Pode ser, é como se ela estivesse perante uma janela, era assim que ficava quando viva. Olhando tudo: “Vales pequeninos e apertados, cheios de eucaliptos e pinhos coloridos. A estrada imensa e desolada”...

*Escuta-se a voz distante da Escritora e também o tictac de uma antiga máquina de escrever. A imagem dela não aparece.*

**Escritora** (*voz em off*) “...Comunidades abandonadas, comunidades no meio de paragens floridas, casas caiadas e abandonadas, outras habitadas. Era de noite. Subíamos até o cume coberto de neblina onde era impossível enxergar alguma coisa, nem uma alma sequer. Durante a noite, observando as estrelas e as nebulosas, a gente sente que é um ser muito pequeno perante o universo. Talvez, esse tenha sido o ponto de partida, a origem. Nesse

momento deve ter aparecido Deus e as crenças humanas. Bem, quem pode sabê-lo. Diante da infinita desesperança deste mundo, acreditar em Deus acaba sendo um consolo necessário. Não sei se para todas as almas”.

*Uma lufada, um golpe de vento, afasta ainda mais a voz da Escritora, que vai quase se perdendo na bruma.*

Seu avô paterno nasceu em Monticello, comuna de Bedonia, província de Parma, Itália, e chegou ao Peru em 1895. Sua avó paterna era filha de um espanhol e de uma peruana. Ela era filha única e ficou órfã muito pequena. Foi criada num convento de freiras. Aos dezito anos, saiu do convento para casar com o avô italiano. Nasceram dois filhos do casamento dos avós paternos, um morreu com 21 anos, o outro foi Juan, seu pai. O avô materno nasceu em Tordesilla de la Abadesa, comuna da província de Valladolid da Comunidade Autônoma de León e Castilla. Sua avó materna também era de Castilla. Durante a guerra civil, seu avô deixou sua mãe Ana Maria, que nascera em 1926, em Valladolid, com seus avós e depois partiu da Espanha. Entre os anos de 1930 e 1940, primeiro foi para o México e depois para Cuba antes de chegar ao Peru. Em 1942, quando morreram seus avós maternos, Ana Maria veio ao Peru, conhecer seu pai.

### A casa paterna

*(não existe registro fotográfico)*

**Karen** Existia alguma coisa que emanava do interior da casa de nossa escritora, o que de alguma maneira a sua fachada testemunhava, era algo extraordinariamente silencioso apesar do barulho que entrava pelas janelas que davam para a avenida, uma grande artéria que se dirigia para as áreas vitais da cidade, onde circulavam muitas linhas de ônibus provenientes da zona norte rumo à zona sul da cidade. Não

me lembro de onde eram as palmeiras, mas podiam ser avistadas desde o balcão, aliás podiam ser vistas desde abaixo, desde o pátio que era um terraço onde havia uma cadeira otomana, tenho certeza de que ela nunca deitou lá para descansar ou ler um livro da sua abastada biblioteca. Acredito que ela preferia ler à noite, na sua cama, protegida das fantasias que palmeiras e canapés pudessem despertar em alguém que é fascinado pela ficção. De repente, seu caráter severo podia ficar desvirtuado pelo tom telenovelesco, por uma faixa que poderia ser chamada de...

**Elba** Haitiana. (ri)

**Karen** Certo, tem Madame Edwarda, Juan del diablo, Marcel Aymé, Caridad Bravo Adams, Felix B. Caignet. Ufa, é melhor parar por aí.

**Elba** Olha! Madame Edwarda, não é por acaso uma personagem de Truman Capote, de Bataille ou de? De você mesma? Não provoca, mulher.

**Karen** Prefiro continuar com a casa. Uma frase... Ela escreveu uma frase para mim a propósito da casa assinalando o estado de ânimo que antecedeu ao momento final. “O ruído familiar desta casa me faz sentir tanta preguiça que acaba parecendo um castelo impregnado de maldições”. Depois de umas linhas, acrescenta: “Viajar sem rumo algum deve ser a coisa mais maravilhosa do mundo”.

**Elba** Por que viajar sem rumo algum? Já estava muito doente, se mal não lembro ela estava pensando em viajar para Alemanha para visitar uma amiga. O médico tirou essa ideia da cabeça dela, por causa do tratamento.

**Karen** Porque fui eu quem disse para ela que quando era criança sonhava em viajar sem rumo algum, como os ciganos dos romances.

**Elba** Sei, você e os ciganos, você e os beduínos, você e os judeus.

**Karen** A casa dela tinha três andares, era de tijolos. Agora é uma loja de tecidos de paredes rebocadas. Nossa amiga assomava pelo balcão do

último andar, onde era seu apartamento, no segundo andar morava sua mãe e no térreo, seu irmão mais velho.

**Elba** Fazemos uma parada antes de continuar com esses detalhes. Essa informação tem alguma serventia para o leitor? Pelo que sei, se um personagem dá, oferece, presenteia, ou como você queira chamar, alguma informação que não tenha sabido encaixar devidamente na trama, isto é uma estratégia errada...

**Karen** Além de tosca, pelo visto. Mas, quem se importa com isso? Você por acaso?

**Elba** Nem um pouco. E pelo jeito, você também não.

**Karen** De qualquer forma, quem dá, oferece, presenteia, ou como você queira chamar, é uma voz *off*, uma voz impessoal.

**Elba** No teatro, no drama, não existe narrador em terceira pessoa, mas pode-se ouvir uma voz *off*, aliás é algo que eu não gosto muito. O que podemos fazer, ou melhor, o que você pode fazer? Já que você foi quem teve a ideia de falar dos ancestrais dela.

**Karen** Nada. Foi ela mesma quem deixou esse testemunho numa entrevista dada para uma pesquisadora de temas de grande destaque, segundo falam os políticos nas suas discussões, como é a influência da literatura japonesa nos escritores peruanos do século XX. *The Closed Hands: Images of the Japanese in modern Peruvian literature*, by Rebecca Tsurumi.

**Elba** Você está querendo dizer os sociólogos. Afortunadamente, nenhum filósofo destaca nada.

**Karen** Como já falou o poeta, a filosofia é uma grande metáfora, os destaques não significam nada.

*Ouvem-se as risadas das duas amigas e uma tossezinha por detrás do nevoeiro.*

**Karen** É ela, nossa amiga. Ela tinha essa mania provocada por uma alergia qualquer, tossia o tempo todo.

**Elba** Shhhhhh!

**Karen** Toda vez que passava perto da casa dela, eu tinha a impressão de que se tratava daquelas casas de escritor que a gente encontra nas biografias. Como por exemplo, o prédio londrino onde Rimbaud e Verlaine passaram uma temporada infernal, tinha algo semelhante, a fachada de tijolinho à vista sem rebocar, as janelas oclusivas – gosto de falar assim, que impedem enxergar o que esses dois safados faziam lá dentro. Ou como a mansão de Nabokov em São Petersburgo, essa casa sim que era grande e de pedra, diferente da de Tchekhov que não tinha nada demais, Tchekhov era pobre.

**Voz** (*off*) Durante o terceiro ano de escola secundária, quando ela ainda tinha catorze anos, a Escritora viajou para a Espanha onde pretendia estudar medicina. Na parte materna da sua família havia cirurgiões, médicos e biólogos. Kursou um ano e meio na Espanha, depois viajou sozinha para a Itália e Grécia durante o verão.

**Escritora** Eu aparentava ser muito mais velha do que era na realidade. (*sussurra, mas as duas amigas não a escutam*).

**Karen** Nossa amiga também tinha certa predileção pelo tema judaico. Para ela, o holocausto nazista era um assunto ao qual dedicava muitas horas de leitura. De alguma maneira, esse assunto estava conectado com os dos assassinatos seriais, obsessão ou especialização literária que podemos encontrar em um dos seus contos mais estranhos, “Ave da noite”.

**Elba** Hmmm! Quem narra não é uma voz feminina, não é ela, não é a autora quem narra, é um assassino que espera pela vítima na sala, depois de uma comemoração. A descrição dos estragos da festa é perfeita, cria o clima necessário para o desfecho. (*lendo as frases iniciais do conto*) “Estou como uma coruja na escuridão, ainda sem ter chegado o momento do canto. Então, é agradável observar a tranquilidade do lar no silêncio da noite. Ver as sobras da ceia

em cima da mesa do comedor, o copo com restos de refrigerante, o guardanapo jogado displicentemente sobre o carpete, a roupa do dia abandonada nos móveis, como se alguém tivesse ficado cansado de organizar as coisas deixando a tarefa para amanhã. Sentir-se fazendo parte deste mundo de quadros, espelhos, cinzeiros, almofadas, aparentemente desconexos, colocados apenas para vestir um espaço nu, mas que a desordem transforma em algo íntimo e familiar. Resulta cômodo ficar sentado, quieto na penumbra da sala, dominando a paisagem humana, escutando a música tênue do dormitório ao lado”.

**Karen** A propósito, ontem vi um programa sobre crianças assassinas seriais, se você pensa um pouco, as infelizes tiveram uma infância terrível, foram maltratadas, abusadas, deixadas na solidão carentes de um lar etc. A exceção era um garoto chamado Guy George que tinha sido adotado e recebido apoio familiar, porém era um psicopata. Imagino que nossa amiga teria gostado de assistir a esse programa.

**Elba** Teria sim, mas para ela isso só serviu para aumentar seus enredos, nunca lançou mão da psicologia para explicar o comportamento das suas personagens. (*escuta-se a tosse por detrás da névoa*) Ela era uma digna discípula de Patrícia Highsmith.

**Karen** Especialmente nos detalhes como sendo os verdadeiros detonadores da ação. Mas, tem coisas entre nossa amiga e a Highsmith que encaixam, se você quiser literalmente às mil maravilhas. Os sapatos, para não ir mais longe. Percebe-se na orla a figura da Escritora pairando no vento, no momento de pisar terra ela olha para seus sapatos. Com uma mão, limpa a ponta de um e depois a do outro.

**Escritora** Não faz sentido que fiquem empoeirados, supõe-se que isso não acontece mais, já nada enche de pó nem fica sujo. É por isso

que não existem carmas, melhor dizendo, não existem lembranças que virem carmas. (*olha para suas amigas que estão conversando no terraço do café. Ela escuta e entende o que as outras falam*) Mas, que mania de falar dos meus sapatos.

**Elba** Eram de ponta quadrada.

**Karen** Eram muito másculos, assim como os coletes e as camisas brancas de gola reta e engomada que ela usava. E o corte de cabelo à altura dos ombros, com as pontas para dentro, então. Mas o detalhe dos sapatos foi o que mais me impressionou aquela vez que vi as fotos da Highsmith, ela tinha pés grandes e nossa escritora também era alta como a americana.

**Escritora** Mas, a gringa era um pouco selvagem, não era?

*O vento leva a figura da Escritora até um barranco, onde fica afastada das pessoas que entretidas passeiam e conversam. Ela contempla as ondas do mar ou algo que fica muito além. Num céu sem pontos de apoio deve ser difícil descansar o olhar na imensidão. É meio-dia numa cidade dos Andes, muitos metros acima do nível do mar. Hamlet faz contato.*

**Escritora** O livro de Hannah Arendt será meu prato principal nesta cidade solitária. Quando falo de cidade solitária ou deserta, trata-se sempre de Abancay. Não consigo saber que cidade possa ser mais solitária do que esta, talvez seja Huancavelica. Lá consigo ler qualquer coisa, e geralmente o faço com muito mais prazer. Trouxe também o livro “Regras para o parque humano” do filósofo alemão Peter Sloterdijk que tem tido enorme sucesso na Alemanha. Ontem tive um dia muito literário lendo a biografia de Nabokov. Foi um prazer e tanto! Agora está começando a cair uma chuva pesada, e não trouxe guarda-chuva. Chuva! Bom, pelo menos é algo divertido.

**Karen** É como certas partículas que podem estar em diferentes lugares ao mesmo tempo, de onde surge também a ideia de Deus onipre-

sente. Mas por que estou falando isto? O que é que pode ser igual a certas partículas que conseguem estar em diferentes lugares ao mesmo tempo? Estrelas, nebulosas, crenças humanas, desesperanças? Não, é ideia de Deus onipresente e indivisível.

**Escritora** Como é complicado o mundo! No meio desta roda-viva ingrata de trabalhos e objetivos pessoais, deveríamos ter nascido ricos, bom não sei se vocês conseguirão sê-lo um dia, sim, ficar ricos. Aposentar-se e poder dedicar-se unicamente ao lazer, ao prazer, a meditação, a viajar etc. e tal.

**Karen** “É sempre uma corrida na luta contra o tempo”, foi o que você falou certa vez.

**Escritora** Certo, porque para início de conversa nosso ganho econômico é precário. Quer dizer, o meu sempre foi, os de vocês também nunca foram maiores. E sem nenhum marido que facilitasse a minha vida. Oh! Será que todo verbo deve ser conjugado desse jeito tão mórbido?

**Elba** Eu até tenho ganhado dinheiro ultimamente, mas não posso dizer que sou autônoma nem independente. E você Karen, muito menos ainda. Sempre atrapalhada por dívidas e mais dívidas, você chegou a escrever um romance alegórico sobre o assunto.

*A Escritora deixa-se molhar pela chuva, ela quer saborear cada gota que escorre pelo seu corpo. Seu cabelo vai ficando liso e encharcado pela chuva, para ela isto é como se fosse um milagre. As três amigas riem e celebram o evento.*

**Escritora** Um romance alegórico, logo você Karen? Detestava isso.

**Karen** A gente não tem ideia do que é capaz de fazer pela grana. Escrevi por causa do adiantamento em dinheiro vivo, depois foi a imaginação que me levou até o meu mar de sargaços, ao tema de ficar eternamente condenada a nunca “honrar as dívidas”.

*A Escritora volta a rir às gargalhadas, seus dentes reluzem como pérolas perfeitamente alinhadas.*

**Escritora** Eu que as honrei sistematicamente para depois cair em mim. “Certa feita, morri de rir sozinha diante do espelho do armário da sala, do mesmo jeito que ri agora. Estava falando para mim mesma que, além do mais, eu não tinha um único leitor, nem ninguém que esperasse que eu escrevesse uma linha sequer, nem nada do gênero. Quando percebi aquilo, não consegui fazer outra coisa senão rir. Ao final, tanto a pressão como a motivação eram estritamente internas. Porém existe, ou existiu, porque a gente precisa escrever à margem de outras motivações que certamente estão vivas, o que não é exatamente o meu caso, porque se for assim imagine você, faz muito tempo que eu teria entregado os pontos, e sei que isso era impossível. Ai, nem sei o que estou falando, mas se meu cabelo consegue ficar molhado pela chuva, então posso continuar pensando como vocês pensam, apesar de saber que vocês não vão conseguir me compreender, como não conseguiram me compreender antes de... Quando, em frente ao mar, falei com vocês tomando uma xícara de café num bar de Miraflores. Acontece que vocês não podiam saber de nada, as duas estavam na minha frente e eu estava diante de vocês duas, essa era a única verdade, tudo nos afastava nesse instante, absolutamente tudo... Porque quando nosso espírito fica na ‘Alta e trágica cultura’, falo, por exemplo, quando estou navegando mentalmente entre divagações filosóficas e desesperanças, entre ser e não ser, entre essas coisas hamletianas e shopenhauerianas...”

*Elba e Karen deixam a Escritora monologar, sentam-se numa mureta de barro, apoiam os queixos em suas mãos sentindo que a chuva lava suas aflições.*

**Escritora** “Toda essa divagação intelectual mergulhada num espírito sombrio e desencanta-

do do mundo”. Não no meu, pois na verdade a minha autoestima costuma ficar bastante alta. Ela não suporta leituras com argumentações demasiado banais, não estou me referindo à linguagem banal, porém a argumentações banais. Existem romances que contam histórias fúteis, como por exemplo, o de Murakami que você me emprestou Karen. Em situações de ‘Alta e trágica cultura’ eu prefiro leituras com certo tom épico ou trágico, provavelmente por causa dos aspectos associados à identificação leitor-leitura. Por isso fico mais identificada com Heinrich Böll ou com Robert Walser. Como são parecidos os alemães, em ambos os casos, existe um racionalismo que flui nos seus textos de uma maneira impressionante. Suponho que esse assunto está relacionado com o que defende Castoriadis sobre o imaginário social quando fala que ele institui e é instituído. Acredito que os alemães são reflexivos e justificativos. Acho que estou numa atmosfera bastante silenciosa. Pensando no meu atual trabalho literário, tenho feito também algumas leituras interessantes, trouxe vários livros para ler, como *As vinhas da ira*, de Steinbeck. Já que agora só estou comendo uvas, acho que é um livro *ad hoc*. Atualmente, no lugar de tomates, estou me alimentando com uvas. Uvas vermelhas, brancas, amarelas etc. Especialmente, uvas sem caroço. Também trouxe um livro de contos de Malamud, umas revistas, o livro de viagem de um sujeito que percorre os Estados Unidos, também outro livro de Sloterdijk para não descuidar o tema dos pensamentos elevados e não ficar no estágio inferior. Estou muito, mas muito aborrecida. Eis a pergunta que não quer calar: na minha idade ainda é possível mudar de vida?

*Ela desaparece, dando as costas para as amigas. Suas duas amigas ficam paralisadas durante um tempo. A Escritora reaparece embaixo da estátua de Alexander II, no meio da Praça Central de Helsinque.*

**Escritora** A Finlândia foi província da Suécia durante oito séculos, depois ficou mais de cem anos sob o domínio russo, até 1917, quando conseguiu a independência. É um país muito russo. Os prédios são amplos e grandes como os de São Petersburgo, ao final fica mais perto de São Petersburgo do que de outra cidade europeia. Existe um jornal que é distribuído e se chama The San Petersburgo Times. Gosto muito de Helsinque porque tem papelarias, estou falando dos cadernos, agendas, cadernetas etc. A indústria da papelaria é a segunda depois da telefonia celular, é maravilhosa, eu sou louca por papéis e cadernos, acho que só por causa disso ficaria em Helsinque.

**Elba e Karen** (*falando baixo*) Ela agora fala no presente como se...

*Mas, a Escritora consegue ler os lábios delas.*

**Escritora** Como se estivesse viva e assanhada que nem vocês? Vocês não são capazes de compreender. A iminência da morte é algo que nem o próprio suicida consegue suportar, ninguém, porque o que se passa pela cabeça ou talvez pelo fluxo sanguíneo do suicida que alcançou o seu objetivo, mas também naquele que fracassou, isso não tem a menor importância, é só impulso não é sentimento. E não estou falando agora como psiquiatra, é apenas uma intuição, porque acho que tenho o direito de não abrir mão da minha intuição. Porém, saber que você vai embora daqui a três ou cinco meses, que você está condenada. Vocês estavam sentadas na minha frente, tomando café ou bebendo vinho, numa cafeteria elegante de Larcomar, tinham toda uma vida pela frente, mesmo que essa vida pudesse esvaziar-se em qualquer momento, virar vento, ar ou areia. O fato é que não ter conhecimento daquilo tornava-as poderosas...

**Elba e Karen** (*ao mesmo tempo*) Sua doença erigiu um muro entre nós três.

**Escritora** O que nos separou foi a morte anun-

ciada, como no romance de Gabriel Garcia Márquez.

**Karen** Que, aliás, nem li. Mas, você sim, não é Elba?

*Elba não responde, o seu olhar contempla a estátua em que se transformou sua amiga escritora.*

**Escritora** Gabriel Garcia Márquez sabe construir entrecchos, algo bastante difícil de achar nos dias de hoje, acredito que deva continuar com essa habilidade... Hoje a maioria escreve apenas o que lhe acontece, o que lembra de repente da sua vida, além do mais, acha que sua vida é importante... (*sorrindo*) E o que é mais revoltante, acha-a interessante. Escrever sobre a doença, por exemplo, no estilo de Kawabata, me digam quem de nós conseguiria escrever do jeito que ele escreve? A relação dos japoneses com a morte e as doenças é bem mais natural. Gosto de imagens que descrevem a morte como algo natural, não como algo dramático.

**Karen** Mmm... Esse Kawabata era um sujeito esquisito e solitário, porém sem o estilo doido da Highsmith. Era um homem totalmente retorcido e segundo um escritor francês, o Kawabata falava isso dele próprio.

**Escritora** Quem era? Quem?

*As duas amigas riem ao mesmo tempo.*

**Elba** Pelo visto, você não mudou nada, continua a mesma.

**Karen** Tenho aqui boas frases de Kawabata citadas por Olivier Rolin.

*A Escritora sussurra o nome do autor para ela mesma. Elba e Karen se olham e voltam a rir.*

**Karen** (*apontando para a estátua de Alexander II*) Ele pode te levar à algum lugar encantador onde encontrar o livro de Olivier Rolin. Alexander II foi um autocrata, mas não impunha suas ideias à força. Foi mais longe ainda, convocou as classes ilustradas para fazer as

suas reformas. Ou talvez leve você até o mesmíssimo Kawabata.

*A Escritora sorri com certa ironia.*

**Karen** (*lendo*) “Era assaltado por uma repugnância quase histérica, quando os outros me obrigavam a ouvir falar de vocês”. Está falando dos seus falecidos pais. “Minha triste infância ficou marcada pelo medo de morrer jovem”.

**Escritora** Sim, ele tinha uma alma revoltante, no sentido borrascoso do termo. A casa das belas adormecidas foi considerado um dos melhores romances por Gabriel Garcia Márquez. Kawabata era doentio.

**Karen** Meio lobisomem, vampiro, necrófilo e feio.

**Elba** Este último me parece um pouco frívolo. Ao final, o que é feio, o que é belo?

**Karen** Rolin lembra que em A casa das belas adormecidas o velho Eguchi evoca sua mãe como sua primeira mulher, só que a mãe era uma moribunda, mas o narrador acha isso natural. (*para a Escritora*) Do mesmo jeito que você acha. Rolin afirma em outro trecho, “a sua primeira mulher” é um cadáver, e noutra passagem a noite de núpcias é um crepúsculo fúnebre.

**Escritora** Um espírito revoltante, não dá para negar, ele me transporta. Na Espanha, as práticas do curso de medicina eram péssimas. Não eram feitas com cadáveres, porém com corpos de borracha. Quando percebi que não estava aprendendo nada decidi voltar ao Peru.

**Karen** “O teu conto póstumo, O piscar do destino”, é um relato cheio de saudade e melancolia por ter escolhido como protagonista uma professora envelhecida, com uma idade próxima da minha e da Elba. No conto, a protagonista está escrevendo um ensaio sobre Schopenhauer

**Escritora** Algumas das minhas personagens femininas são mais velhas ainda, se fossem mais jovens elas não conseguiriam ter a parcimônia nem a sabedoria própria da experiência.

**Elba** (*empregando a linguagem de sinais, o que acaba resultando um tanto cômico*) Mas o personagem masculino é um velho tristonho e aparentemente deprimido. Falando de si mesmo, ele quem afirma que as almas são sombras.

**Escritora** Bom, acredito que uma mulher envelhecida, leitora de Schopenhauer, sem ambições amorosas, tem capacidade para analisar os dois casais do conto, nos seus dramas particulares e sentimentais, desprovida de qualquer julgamento de valor.

**Karen** (*para Elba*) É a saudade do que nunca foi vivenciado, a nossa amiga intuiu que nunca chegaria a ostentar cabelos brancos. No conto comparece seu alter ego num futuro que nunca viverá. (*lendo um trecho do conto*) “Num povoado da China, os nakhi comunicam-se com os espíritos dos mortos num transe semelhante ao sonho, quando existe uma grave crise familiar ou quando alguém vai morrer. Sabia disso? Acontece no meio da noite, quando todo mundo dorme”.

**Escritora** Ah, é o professor quem fala isso. Sim, ele parece triste, mais do que triste, abatido.

**Karen** Em troca, a mulher está sempre mais do que ativa.

**Elba** Excessivamente ansiosa.

**Escritora** Uma combinação letal, não é?

As duas amigas voltaram para a orla de Miraflores, a Escritora voltou a desaparecer. Silêncio, apenas silêncio.

**Elba** É o silêncio criador.

**Karen** Não era o lazer criador?

**Elba** É sim, mas no caso da nossa amiga, acho que era o silêncio criador.

**Karen** Ela não acreditava em sonho como detonante ou matéria literária. Certa vez, li para ela um fragmento que eu tinha escrito a partir de um sonho meu. Não gostou da ideia. Acho que ela tinha razão, é como abusar da ficção.

**Elba** Ou do ficcional. O sonho é uma ficção sem motorista, sem roteiro consciente, mas que

pode chegar a ser um roteiro porque existem os sonhos recorrentes.

**Karen** Tenho a impressão de que não dava a mínima para o sonho surrealista, aquele mundo onírico sem pés nem cabeça. Se bem que, ela não desdenhava a pintura de De Chirico. O sonho transformado em imagens surrealistas pode ganhar outro sentido. Nossa amiga adorava Otto Dix, um pintor... Dadaísta?

**Elba** Não era expressionista?

**Escritora** Na minha vida, no cotidiano, sempre andei com um livro nas mãos tentando ler um parágrafo. Nem sempre consegui. Mas, tem a campanha dos fins de semana. Acontece que sou devagar, adio muito as coisas, mas não é só uma questão de tempo, é a forma de criar. Posso escrever um conto num fôlego só, mas demoro duas ou três semanas para revisá-lo. Consigo até mudar completamente o ponto de vista dum relato. O fiz com um conto quando descobri que a leitura ficava melhor desde outra perspectiva. Aconteça o que acontecer, eu não consigo deixar de escrever, mesmo escrevendo apenas duas vezes por semana. Nossa vida sempre será assim. Quero dizer, a nossa história, suponho. Juntando nossos fiapos de tempo do jeito que for. Ontem fiquei pessimista. Estava tão pessimista que escrevi e ainda revisei muito melhor do que quando fico otimista. Hipotecamos nosso tempo porque não existe alternativa. Você conseguiria escrever sem luz, sem água, sem moradia, sem computador? Tudo isso não se converte num obstáculo maior? Nunca conseguiremos saber se o futuro será pior ou melhor do que o presente. Essa é nossa incerteza, mas talvez, ao mesmo tempo o nosso consolo. Estou muitíssimo chateada por ficar longe da literatura. Estou contente por ter conseguido acabar o livro de contos, mas fico chateada por não ter um romance para revisar. Ao menos quando você tem só que revisar, já é um prazer.

**Karen** Tamara de Lempicka, era uma doida essa

mulher, boêmia, cocaína, amores furtivos, porém à noite, com ressaca ou sem ressaca, ela pintava como uma possessa.

**Escritora** Também, o marido era Barão e tinha grana. Desse jeito qualquer um. Tamara foi uma espécie de ícone durante um tempo na década dos anos trinta, – mas pelo que eu sei, não pela sua biografia, senão pela sua obra-, ela era considerada “decorativa”, pintava quadros perfeitos para decorar os salões das grandes mansões, teve o azar de viver justo durante o auge do expressionismo alemão. Dá para imaginá-la ao lado de Otto Dix? Falei azar porque seus quadros, perante as tendências intensas e carregadas, eram uma espécie de retratos decorativos para os salões da alta burguesia. Além do mais, pelo que eu sei, ela era fascioide apesar de não curtir o populacho nacional socialista, detestava o populacho. Quando a guerra estava prestes a estourar fugiu para Suíça e depois para os Estados Unidos onde foi uma melindrosa, ao estilo dos anos vinte, como Zelda Fitzgerald, ficando conhecida pelo seu exuberante esnobismo: propiciava grandes banquetes, aos que eram convidados tout le monde, banqueiros especialmente. Ela adorava grana e frivolidade.

**Karen** Essas artistas foram esquecidas por não fazer a coisa certa, literária ou artisticamente falando. Por exemplo, essa polonesa que obedeceu ao marido suprimindo a criação para dedicar-se a decoração. Puta merda!

*A Escritora ri com gosto pelo jeito de falar de Karen.*

**Karen** Ela foi esquecida porque a decoração não era considerada importante na época. A Lempicka também foi etiquetada como art deco, mas só foi descoberta nos anos setenta por alguém muito influente, é a partir de então que cresceu a sua fama. Muito lúcida, boa decoradora, não se deixou levar pelas tentações, em arte sempre fez o que lhe dava na telha.

**Elba** Não é de estranhar que nossa amiga gostasse tanto de Otto Dix. (*fala confidencialmente para Karen*) Olha o que encontrei na Wikipédia, a enciclopédia coletiva como a poesia coletiva de Lautreamont. ( *lendo*) “Otto Dix foi um dos poucos pintores da modernidade que se atreveu a pintar a decadência corporal. Movimentando-se entre os limites do feio, incluído o repulsivo, e o cômico. A decrepitude, a dualidade Eros e morte foram os dois polos do seu mundo e o tema central de sua obra. Pouco antes da sua morte em 1969 ele declarava: ‘Não é que eu tivesse obstinação por mostrar o feio. Acontece que tudo o que tenho visto me parece belo’. Para Dix as categorias, belo e feio, não eram validas”.

**Elba** A decrepitude, esse tema preocupava muito a nossa amiga.

*A Escritora está sentada numa mureta da orla, não olha para o mar, olha atentamente para suas unhas, aparentemente está absorta examinando seus dedos. As duas amigas contemplam a Escritora de longe.*

**Elba** Ela continua com aquela mania, antes de morrer ficava prestando atenção nas mudanças de cor dos dedos e das unhas das suas mãos, achava que quando ficassem roxas seria a hora fatal. Pediu para que lhe comprasse uma lixa de unhas. Toda essa higiene fazia parte do processo, era uma reação perante o iminente. No seu livro *A horda primitiva*, o penúltimo conto, “Alguma novidade”, também trata da decrepitude, o mesmo acontece em “Temos que lavar”. Idosos, homens e mulheres que ficam no limite da decadência, da doença e da pobreza, é uma combinação retratada em alguns dos seus contos com resultados que a aproximam mais de Kawabata e de Otto Dix do que de Ribeyro, como já foi dito.

**Escritora** (*falando para elas*) Vocês já leram o livro de Coetzee, *No coração do país?* Parece interessante.

*Karen e a Escritora conversam sentadas na mureta da orla. A cena aconteceu antes do desenlace fatal, é a encenação de uma espécie de raconto sobre o tema central: “Não preciso trabalhar”.*

**Escritora** Ontem tive que cuidar do corretor e resolver alguns problemas domésticos. Tive que encarar um incidente familiar, um daqueles que nunca faltam nos momentos de crise, foi com minha mãe. Parece que nossas mães, a tua, a de Elba e a minha, são, foram e sempre serão, o carma que carregamos desde algum lugar desconhecido. Em algum momento deve ter sido bom para você morar no mesmo prédio que tua mãe, talvez nos momentos finais, mas imagino também que antes deve ter sido uma tortura. No entanto, lembro-me da tua determinação, da tua calma e da tua paciência quando falavas dela muito antes da doença, tua extraordinária compreensão apesar dela ser tão difícil, às vezes eu pensava como é paciente a Karen. Acho que nos últimos anos você atingiu aquela tolerância perante tua mãe que só é possível pela diferença de idades, lembro também que você falava dela algo assim com, “essa foi sua vida, essa foi ela”. Como você pode imaginar agora eu não consigo ter tolerância nenhuma e às vezes perco as estribeiras. Mas, tudo bem, são ossos do ofício. A melhor conclusão a que podemos chegar é que pessoas como nós, amantes de liberdade, autonomia, independência e de certa misantropia perante a banalizada vida social, que deixa felizes as outras pessoas e que não nos entusiasma nem um pouco. Para nós não é nada bom ter que suportar esse modelo de “pacto familiar” imposto pelo mundo. Assim que acabar com os problemas domésticos, contratar o corretor para vender a casa, então eu vou poder arrumar mais tempo para fazer minhas coisas, mas quero fazer isso aos poucos, depois de conseguir tirar aquela papelada horrorosa, aqueles trabalhos todos que fomos forçados

a fazer por causa da sobrevivência e que agora não servem para mais nada. Aleluia! Eu continuo pensando que a tarefa de eliminar, de excluir todos aqueles documentos vinculados a políticas, planos, programas etc. e tal, são um dos melhores momentos desta etapa da minha vida. Enquanto for preciso trabalhar temos que fazê-lo. O bom do teu caso é que você tem uma força e uma motivação literária à prova de balas, porque você sabe muito bem qual é o lugar que lhe corresponde ao trabalho de sobrevivência que mesmo sendo necessário é limitado. Tenho um prazer enorme de pensar que não preciso mais de trabalhar, isso que é o máximo. Decidi ler um livro que é um compêndio de religiões, só para conferir as ideias que podem surgir disso. Sou cética e agnóstica, como devo ter comentado alguma vez para você, mas na circunstância atual fico muito tentada a revisitar as fontes e refletir um pouco sobre o além. *(risadas)* Minha rotina é sempre a mesma, excepcionalmente, como falei, deixarei de trabalhar. Acho que estou começando a ver as coisas de uma maneira diferente, o que não deixa de ser curioso, e também um pouco emocionante, no meio de todo esse ser e não ser. O que você acha?

*Elba, queimada pelo sol, sobe pela ladeira com sua gata Malu, tem o cabelo ruivo e curto grudado na nuca, como as cantoras francesas dos anos cinquenta. Karen corre para alcança-la e lhe sussurra algo no ouvido. A Escritora continua contemplando o mar, sem perceber as amigas que conversam alguns metros embaixo dela.*

**Karen** Acho que nossa amiga está mais relaxada, mas isso não quer dizer esteja menos metida.

**Elba** Ela falou que viu um garoto vendendo incenso e que ela também queria ter um trabalho desse tipo.

*As amigas aproximam-se em silêncio. Elba continua acariciando sua gata. A Escritora observa cuidadosamente a gata Malu.*

**Escritora** (*passando a mão no lombo da gata e dirigindo-se a ela*) Por enquanto faça as coisas do jeito que der. Não espere mais do que você consiga fazer. Você precisa relaxar um pouco. Por exemplo, hoje não trabalhe, nem leia, faça bobagens. Beba um uísque, vá ao cinema ou, simplesmente, assista à televisão. Amanhã, vai ser diferente.

*As três mulheres, incluída a gata Malu, parecem estar detidas no tempo.*

**Escritora** A cada minuto que passa, nós temos a convicção de que o tempo nos mutila, falou Sloterdijk. O que vocês acham?

*A Escritora esboça um sorriso imitando a gata gorda que foi zanzar nos arbustos do parque. Elba e Karen continuam impassíveis, a Escritora continua sua falação.*

**Escritora** Porém, não foi essa a sensação que tive em Abancay, vocês nem conseguem imaginar como é essa cidade congelada no tempo. O que existe lá é uma infinidade de cabines de internet em que dúzias de pessoas digitam febrilmente. É uma cidade perdida no meio do país, acho que esse lugar está mais perdido do que eu, apesar de que a última vez fui mais generosa com aquelas ruas que já sinto reconhecer. Quando cheguei, para variar, fiquei um pouco deprimida, parece que essa sensação se torna cada vez mais comum na nossa idade. Ou estou errada? Quis beber um copo de vinho, mas lá não tinha um local apropriado para isso. O álcool está mais voltado para o consumo familiar. Só tinha cafeterias e docerias, ufa, uma chatice. Então aproveitei para ler e escrever um pouco.

**Karen** (*acordando da sua letargia*) O que você ficou lendo?

**Escritora** Euro-taoismo de Sloterdijk. Ele fala muito ironicamente que a moral dos nossos tempos é a cinética. Todo mundo corre de um lugar para outro, todo mundo quer ganhar do

tempo, ganhar dos outros, um tempo ganhador ou competitivo. As decisões são pressionadas pelo tempo, nossa vida está em eterno movimento. (*repentinamente, a sua voz fraqueja. Pensa no seu filho, pensa no neto que nunca conhecerá, mas depois se recompõe*)

**Elba** É um paradoxo ler sobre a cinética de Sloterdijk numa cidade congelada no tempo, quase inerte. Mais do que paradoxal é esquisito, talvez seja o único jeito de marcar presença, de perceber que você também está em movimento, no lugar de ficar parada, já que não ganha nada correndo incansavelmente à procura de nada, por nada.

**Escritora** Gosto de Sloterdijk porque tem um tom nietzscheano. Não sei qual é a opinião do mundo acadêmico sobre ele, depois de ter polemizado com a vaca sagrada de Habermas. Li um artigo onde de certa forma o chamam de doido, inclusive.

*Malu volta procurando pela sua dona, esta lhe faz um carinho.*

**Elba** Ela sabe voltar para casa sozinha.

*As três amigas acompanham a corrida da gata pela orla.*

**Elba** *A crítica da razão cínica*, de Sloterdijk foi publicada em 1983 com um êxito de vendas comparável a *A decadência de ocidente*, de Spengler dos anos vinte.

**Escritora** Amigas, o que vocês acham disso aqui: “Os homens são seres insulares, dotados de uma insociabilidade sociável”. (*ri brincalhona*) Olha, essa aqui, é do *O estranhamento do mundo*. (*lendo outra anotação*) “Pensa o homem como mediocridade insatisfeita, semidepressiva, como vitalidade atordoada que triunfa, como animal triste que se menospreza afundado na ambiguidade do seu próprio eu.”

**Elba** “Vitalidade atordoada que triunfa”, esta frase me autoriza a afirmar que é esquisito ler Sloterdijk numa cidade congelada no tempo.

**Karen** É quase o diagnóstico do narcisista perverso.

**Escritora** É bom esclarecer que quando Sloterdijk fala dos homens está pensando tanto no homem como na mulher.

**Elba** Hoje vou assistir a um filme que é uma obra prima, *Um olhar a cada dia*, do grego Angelopolus, vocês não podem perder.

**Escritora** (*falando para si mesma*) Ah, as jornadas da vida. (*escreve no ar as letras J e V*) E os dias de vida prazerosa. (*escreve V e P*) As JV estão sempre brigando com os VP. A qual delas pertencemos? Para diminuir a depressão a gente devia ter dias VP, que é como beber um bom vinho uma que outra vez. Temos que reduzir os dias JV, apesar dos dias JV serem mais sobre-carregados, temos que conseguir tempo para os dias VP. Mas, como de praxe, temos que evitar a dissipação. O que quer dizer que

não podemos nos encher de dias VP. O que é uma verdadeira pena.

*Karen fica de costas para Elba. A Escritora esfuma-se. A noite cai, desde a orla, mal conseguimos divisar as luzes do litoral ao longe. Tudo fica na penumbra.*

**Karen** No começo me perguntei por que Katayama utilizou o termo palavra impuro, nessa espécie de início de *O ano de Saeko*. A ideia original de vida e de morte é uma luta entre o puro e o impuro, porém, nenhuma das duas, nem a vida, nem a morte, igualam-se a esses termos garrafais, no sentido estrito. Ou as duas são puras ou impuras, não per se, senão irremediavelmente por que sim. Não existe maneira de explicar o inexplicável, a não ser subindo numa nuvem, pois só ela saberá aonde vai nos levar.

## Três facadas por um puxão de orelhas

*Um homem que escolhe ficar dormido.*

*Uma morte certa, isso é o que eu sou.*

Jaime Bayly

## Personagens

**Elmer**

*Jovem morto aos 21 anos.*

**Lucero**

*Irmã de Elmer, garota de 16 anos.*

**Um Anjo**

*Uma espécie de dançarino celestial.*

**Mãe**

*Já foi empregada doméstica, agora é comerciante, 50 anos.*

**Digna**

*Namorada de Elmer, mulher de uns 40 anos.*

## Cenário

Uma favela.

*Choupana de Elmer no areal, a névoa tem esfriado as paredes de palha. A lâmpada fluorescente de um*

*poste solitário banha com sua luz leitosa o pátio dos fundos. Sábado, quase dez da noite. No único cômodo que faz as vezes de sala e dormitório, Lucero não consegue dormir. O quadro da Virgem do Carmo está sobre um rústico criado-mudo. Um espelho recém-comprado apoia-se na parede refletindo o corpo nu da garota. Surge um anjo vestindo um colante branco de dançarino, ele recolhe suas asas e faz acrobacias no marco do espelho.*

**Anjo** Você tem de se alimentar melhor, seu corpo está flácido. Você está cheia de marcas roxas.

*Lucero examina as manchas roxas de seu corpo, tem uma na coxa direita, outra no braço e uma menor no pescoço.*

**Lucero** (*tenta tocar no Anjo sem consegui-lo*) São dele. Só podem ser dele.

**Anjo** (*aponta o céu com o indicador*) Lembra, foram três facadas por um puxão de orelha.

*O Anjo desce do espelho dando uma cambalhota no ar, pega Lucero nos seus braços, fazendo-a rodopiar como se fosse sua dupla de dança e senta-a numa cadeira. Depois, a garota deita-se na cama, pega o quadro da virgem e cobre o rosto com o cobertor. Ouvem-se gritos de rapazes e barulho de vidros quebrados. No sábado, bandos de marginais escolhem o descampado do bairro para saldar suas contas. Lucero beija a imagem da virgem para dar-se valor. Elmer abre a porta e entra.*

**Elmer** O que você está fazendo aqui, maninha, não deveria estar na sua casa? A mãe falou que você estava doente.

**Lucero** Estou um pouco doente só, mas você está cheirando a rum.

**Elmer** (*alisando a fronte com a palma da mão, do mesmo jeito que faz sua mãe*) Estive bebendo lá em baixo, problema é o que nunca falta.

*Encaminha-se para o pátio dos fundos, onde fica o banheiro que é um fosso. Lucero ouve o irmão vomitar. No criado-mudo também tem uma foto da família. Nela, seu irmão mais velho aparece bem penteado junto à mãe. Aparenta uns quinze ou dezesseis anos na fotografia.*

**Lucero** Você era muito bonito, mas envelheceu com tanta bebida e ficou macilento.

**Elmer** (*volta à habitação, fala com saudade, apontando para a foto familiar*) Foi no sitio da vovó. (*serve um copo de água numa jarra*)

*Lucero observa os olhos puxados do seu irmão, são de um castanho esverdeado por causa da luz amarelada do quarto. Ele calça mocassim negro com fivela de couro.*

**Lucero** (*sentada na cadeira escondendo os pés nas suas sandálias velhas*) O porta-retrato deve ser caro, não é não?

**Elmer** Foi presente da patroa da mamãe... Ontem briguei com a Digna. Gosto dela, mas é muito pentelha. Falou que está grávida, que a gente vai ter um filho... Você está pálida, maninha.

**Lucero** É só um mal-estar.

**Elmer** Você sabe, ela não é muito... Como posso ter certeza que o filho é meu. Além do mais, que negócio é esse de ser pai à toa, hein? (*observa admirado*) Escuta, mamãe está sabendo que você está aqui?

**Lucero** Não está sabendo.

**Elmer** Você é louca. Vai embora logo daqui. Desculpe de novo. Acho que não sei tratar as mulheres, nem a Digna, nem a você que é... (*olhando com malícia*) Menos esperta que outras mulheres, você é uma boa garota, de verdade, maninha.

**Lucero** Agora pouco você falou que era louca.

**Elmer** Mas não falei que era pentelha. O que você tem, maninha? Está com cara de assustada.

**Lucero** Acho que alguém está andando lá trás.

**Elmer** Devem ser os gatos ou os cachorros. Não, devem ser as salamandras.

**Lucero** Salamandras?

**Elmer** Mmm! Tem um pernilongo no copo de água.

*Os irmãos ficam olhando o inseto flutuando no copo de água.*

**Elmer** (*dando uma gargalhada estrondosa e olhando curioso para sua irmã*) Não tem lagartixas

na casa do padrasto, maninha? São parecidas, quase iguais. Os iguanas também são. Porém a salamandra é perigosa. Os jacarés nem tanto.

**Lucero** Como nem tanto?

**Elmer** Só quando ficam com fome. (*continua rindo*) Gosta de dançar? Quer dançar? (*encosta seu rosto na irmã*)

**Lucero** Agora?

**Elmer** É, por que não?

**Lucero** Não estou ouvindo música.

*Elmer faz um gesto para ela fazer silêncio. Ouve-se o barulho de uma lata caindo no chão, seguido de um clarão luminoso. Os dois correm nessa direção. O fundo do casebre que delimita com um terreno baldio, onde se acumula toda sorte de objetos imprestáveis, está pegando fogo.*

**Elmer** (*tentando apagar o fogo com panos*) Puta merda!

**Lucero** Não tem água?

**Elmer** Que bosta! Vai, corre, avisa o pessoal.

Os vizinhos aproximam-se atraídos pelo incêndio.

**Lucero** Traga água, por favor, meu irmão está lá dentro.

*Uma mulher decidida abre espaço no meio da multidão e entra na casa, depois de alguns segundos reaparece puxando Elmer.*

*Todo mundo contempla o desabar da choça em silêncio. Elmer soluça nos braços de Digna. Um homem apaga uma brasa com o pé e depois vai embora. Os outros fazem o mesmo depois de cumprimentar o casal que está fundido num abraço.*

### **A Mãe e Elmer depois do incêndio. Raconto.**

*No cair da noite, mãe e filho se abraçam perante os escombros da choupana de Elmer.*

**Mãe** (*acariciando o cabelo castanho do seu filho, um*

*homem que já tem 21 anos*) Você não tinha que ficar discutindo com esse moleque, olha o que ele é capaz de fazer. Isso acontece com você por ficar bebendo com os moleques lá embaixo, no asfalto.

**Elmer** (*chorando no ombro da Mãe*) O imprestável do Ratinho queimou a minha casa, ele tem que construir outra para mim. Vou dar uma surra nele, você vai ver. Você é a culpada mãe. Quem mandou casar com aquele velho?

**Anjo** Ainda não tinha bebido um único copo e já estava sentimental demais. Para a mãe ele era, sem sombra de dúvidas, o melhor de todos os seus filhos homens. Como ela poderia imaginar uma coisa dessas, se no dia anterior, no sábado, os dois tinham ficado juntos desde cedo, chorando perante os escombros da choça. Foi ciúme? Vingança? O incendiário, um menor de idade, andava se gabando do incêndio pelo bairro. Nesse mesmo dia, mãe e filho tinham perseguido o moleque, quem sabe o Elmer exagerou um pouco no corretivo. Devia ter previsto a desgraça.

**Lucero** Fale de que jeito? Você sempre fala a mesma coisa, toda noite me aparece para lembrar a mesma coisa. De que jeito eu poderia prever a morte dele? Como ia saber que o moleque ia furá-lo? Só porque o Elmer lhe deu um esporro e pediu para reconstruir a choupana? Só por isso o garoto, quase uma criança, tacou ferro.

*A Mãe quebra um ovo num copo, no interior surgem agulhas em forma de cruzes.*

**Anjo** Se você tivesse prestado atenção nos sinais...

**Lucero** (*aborrecida*) Outra vez a mesma coisa.

**Anjo** Tua mãe ficou conhecida por ter visões. Em São Miguel, todo mundo sabia que ela tinha frequentado a Mishka, o ritual daquela região ao lado do rio, onde teve sua primeira revelação quando era apenas uma criança. O bruxo tinha lhe dado as boas-vindas e a convidou para compartilhar de sua poção. A mesa estava

posta com o material necessário. Porém, um ajudante tentou seduzi-la aproveitando-se da sua condição de novata, mas depois sua mãe vingou-se dele.

*O bruxo mexe num objeto da mesa e o ajudante fica profundamente adormecido. Em seguida, o bruxo indica à mãe-moça que pode começar, que chegou a sua vez. A mãe-moça joga-se por cima do adormecido com a força de uma potranca. O ajudante acorda como se uma rocha tivesse atingido seu peito.*

**Ajudante** (*suplicando para a mulher*) Benção! Benção!

*A mãe-moça borriфа a poção feita de milho cru moído e açúcar branco, repetindo três vezes o sinal da cruz na frente e na nuca do ajudante.*

**Anjo** Até esse momento ela nem conhecia os poderes que tinha.

**Lucero** (*falando baixo*) Mas, desta vez seus poderes não serviram de nada.

*O novo casebre são quatro paredes de palha seca, recém-enfiada na areia, limpas e brilhantes, com a bandeira peruana ondulando no teto. O único material nobre é um pequeno muro para a caixa de luz. Nas paredes estão pendurados vestidos estampados que levam santinhos da Virgem do Carmo costurados próximos das golas. Lucero arranca um santinho, todos têm o mesmo rosto resplandecente e o olhar meigo.*

**Lucero** Os olhos da virgem são castanhos como os de Elmer.

*Tira do baú um vestido de cetim azul e veste-o. O traje é justo na cintura, ela desfila na choupana com trejeitos de modelo.*

**Lucero** (*falando para o quadro da Virgem*) Meu irmão só tinha sete anos quando minha mãe casou com meu pai. Tinha os olhos castanhos, quase verdes, minha mãe sempre falava que eram da hora, o seu caboclo mais bonito. (*já deitada na cama, murmura algo como se estivesse*

*em transe enquanto agasalha-se com o edredom*) Não posso dormir, Nossa Senhora, tenho que descobrir o assassino de Elmer, caso contrário a minha vida não terá sentido. (*ouvem-se gritos vindos da rua e barulho de vidros quebrados, cobre o rosto para não ouvir*) O que está acontecendo, Nossa Senhora? Essa voz, eu conheço essa voz. (*pula da cama e assoma-se por uma pequena janela, mas não consegue enxergar nada. Abre a porta, Elmer está tremulante no umbral. Olha para ela com seus olhos puxados, quase fechados, como se não a reconhecesse*)

**Elmer** O que você está fazendo aqui, maninha?

**Lucero** Mamãe falou que você viajava para a Itália, vim para...

**Elmer** Essa é a minha nova casa. (*bate no peito com orgulho*) Acabei de erguer, mas está faltando tudo, só tem a cama.

**Lucero** Tuas roupas estavam jogadas pelo chão. Já guardei.

**Elmer** (*deitando-a na cama suavemente*) Deita, deita, maninha. (*joga-se ao seu lado, põe as mãos debaixo da cabeça. Olha o teto e cantarola*) Quer saber uma coisa? A Digna não está grávida, não está grávida. (*limpa o suor do seu rosto com as mãos*)

*O rapaz levanta-se, tenta ficar em pé, mas não consegue e desmonta.*

**Lucero** Meu Deus, Elmer!

**Elmer** (*trazendo-a para si*) Você é tão boazinha, maninha.

*De repente, tudo fica escuro. Quando Lucero acorda, Elmer já desapareceu.*

**Lucero** Foi só um sonho, nossa senhora! Foi sim, tudo não passou de um sonho. Não é verdade, nossa senhora? Toda vez que durmo nesta casa é sempre o mesmo sonho.

### Três facadas por um puxão de orelha.

*É noite na enorme pampa cheia de mato e lixo nas*

*proximidades da choupana de Elmer. Escuridão. Elmer e Ratinho duelam rodeados por um grupo de vizinhos que chegaram trazidos pelos gritos. Chega Lucero.*

**Elmer** (*desafiador, esbofeteia e puxa a orelha de um menino bastante pequeno*) Escuta aqui Ratinho, devolve a minha casa! Quando vai ser, hein? (*continua batendo*)

*O menino solta um grito. Elmer imobiliza Ratinho e o exhibe perante os outros.*

**Elmer** Este lixo queimou minha casa. Ele tem que devolver. É ou não é?

*Silêncio.*

*O menino consegue safar-se, avança uns metros e agacha-se para pegar algo do chão. Lucero olha como Ratinho arremete na direção de Elmer. Em questão de segundos, os dois caem por terra. Depois, o menino fica em pé, sai correndo e desaparece na escuridão. Elmer levanta-se e olha em todas as direções. Lucero corre até o irmão. Os olhos assustados de Elmer a contemplam fixamente antes de desabar. A orelha do Ratinho está jogada no chão.*

*A luz do cenário escurece. Quando volta a iluminar-se, Lucero caminha atordoada pelo mercado. Num canto do cenário, debaixo de uma banca de frutas, tem uma criança de dois ou três anos de idade.*

**Lucero** (*chorando*) Quem é você? Qual é seu nome? O que está fazendo aqui, sozinho?

**Anjo** (*surge no alto de uma escada dupla*) É o filho de Elmer e da Digna. Não sabia? Como ia sa-

ber se só fica desfilando na frente do espelho e soluçando feito uma Madalena. Espero que o chefe não se zangue por falar da sua protegida. A Digna matou-se depois de... Essa criança vive da caridade dos outros. Você notou que é...

**Lucero** O retrato vivo. Qual é teu nome, criatura?

**Anjo** Não sabe falar ou então não consegue, leva a criança para a casa de Elmer, esse vai ser seu refúgio.

**Lucero** (*carrega a criança, a abraça como se fosse seu brinquedo favorito e sorri. Depois de andar um momento, olha fixamente para a criança e começa a chorar*) Deus do céu, nossa senhora! Você não vai ser como o Elmer, não é? Tem a mesma cara, os mesmos olhos. (*Lucero não consegue parar de chorar*)

**Anjo** (*perseguindo-a*) O que você tem, por que tanto barulho, garota triste?

**Lucero** (*sempre com a criança nos braços, vira furiosa para o Anjo*) Você não percebe? Não é você que tudo vê? Não percebe o que eu vejo nos olhos castanhos desta criança?

**Anjo** (*pula da escada fazendo um arabesco no ar*) Vejo sim, claro que vejo...

**Lucero** Já sabia de tudo e não falou nada para mim. (*o Anjo continua fazendo arabescos*) Mesmo assim, pede que leve a criança para a casa do Elmer. Isso vai salvá-lo do seu inimigo quando crescer?

**Anjo** Ninguém conseguirá salvá-lo, sempre há um Ratinho. Você mesma está vendo isso no reflexo dos seus olhos, mas mesmo assim, ele será sua salvação.